

CEDI - P. I. B.
DATA 18.10.88
COD.

CLASS. : D5R40002

PG. : 4p.

NO PRINCÍPIO não havia noite. Era somente dia. A humanidade cansou de viver sempre de dia. Soube-se então, que ao norte havia um ser chamado Nami (noite), dividido em duas partes: *nami* e *êmê* (noite e dia). Os homens ficaram observando o norte. Num certo momento, viram uma nuvem negra que se levantava. Passadas algumas horas essa nuvem desaparecia e depois de umas tantas horas voltava a levantar-se outra vez. Depois de observá-la bem, a humanidade disse ao Criador: "Nós também queremos ter a noite". Emêkho sulân Panlâmin (universi bisneto), também chamado Yebâ Ngoamân, respondeu: "Então vamos conversar com Nami para ver o que ele pode nos dizer".

Emêkho sulân Panlâmin partiu com os *êmêkho mahsá* (universo, gente) em direção à casa de Nami, que era um *wahitin* (fantasma). Lá chegando, Ngoamân fez a saudação de entrada, mas ninguém respondeu. A casa estava vazia. Repetiu mais uma vez a saudação: "Sôw!" Continuou o silêncio. Ao repeti-la pela terceira vez uma velha, a mulher de Nami, respondeu lá do fundo do quarto do *imika dîhisi dohká* (pari, porta, quarto). Ofereceu-lhes um *sero* (banco) e pediu que esperassem porque Nami dormia profundamente.

A velha fez tudo para acordá-lo, mas o *wahitin* continuava roncando. Vendo que não conseguia despertá-lo, esquentou um pedaço de camuti e encostou no peito do velho, que só assim acordou. Começou a tossir baixinho, depois levantou-se da rede. En-

tão a velha lhe disse que havia chegado o neto dele. Nami foi cumprimentá-lo, dizendo: "Espere um pouco, que vou tomar um banho". O velho era meio feio. Alguns *êmêkho mahsá* ficaram esperando, outros seguiram-no escondidos, para vê-lo durante o banho. Quando chegou à beira do rio, Nami ergueu as mãos até a cabeça, segurou os cabelos e puxou sua pele de velho. Por dentro havia um jovem forte e bonito. De volta do banho, Nami apareceu moço.

Depois começaram a conversar e Nami lhes perguntou o motivo de sua vida. Emêkho sulân Panlâmin contou-lhe todas as dificuldades por que a humanidade vinha passando por não haver noite. E que tinham ido pedir sua ajuda. Nami respondeu: "Foi bom vocês terem vindo. Eu lhes darei a noite".

Enquanto conversavam, o sol ia se pondo. Ao escurecer, Nami disse a Ngoamân: "Meu neto, você me pede o meu maior poder, que é ser o dono da noite. Vou lhe dar este poder se observar bem todos os ritos que eu vou fazer". Dito isso, Nami voltou ao seu quarto, onde começou a executar os ritos. Yebâ Ngoamân ficou sentado ao lado dos *êmêkho mahsá*. Ouviram um barulho como se alguém estivesse arrastando um grande peso. Era Nami empurrando a *namili komulu* (noite, mala). Ainda no quarto, Nami fez o primeiro rito com o *wahsun bogá* (açóite). Com ele fustigou a *namili komulu*, ao mesmo tempo em que cantava "titi, titi". Depois Nami empurrou a *namili komulu* com a ponta do pé até a porta do quarto, comeu *ahpin*

A história de Nami ou a origem da noite

(*ipadu*) e fumou um *olé-o* (cigarro). Quando acabou de engolir o *ipadu* e fumar o cigarro, seus hóspedes, Ngoamân e os *êmêkho mahsá*, foram dominados por um sono profundo. Ngoamân estava sentado sob o esteio da entrada na maloca, envergando seus mais belos enfeites para ver os ritos de Nami. Os *êmêkho mahsá*, deitados nos redes, procuravam observá-los também. O irmão mais novo de Ngoamân amarrou sua rede no cantinho da maloca e ficou atento a todos os gestos de Nami.

Ao trazer a *namili komulu* até a porta do seu quarto, Nami açóitou-a duas vezes e repetiu duas vezes o mesmo cano: "Titi, titi, titi, titi". Já eram oito horas. Ninguém inclusive Ngoamân, resistiu ao sono. Estando sentado, e le arrebitou o enfeite de penas que pendia de sua nuca. Levantou-se e foi deitar na rede junto com os outros. Só seu irmão caçula ficou desperto para assistir todas as fases do rito.

Nami voltou a empurrar a mala da noite com a ponta dos pés até conduzi-la à porta onde ficava o *galálu*, o forno das grandes malocas. Ai parou... Açóitou três vezes a tampa da mala e repetiu três vezes a mesma cantiga: "Titi titi, titi titi, titi titi".

Já era meia-noite. Depois conti-

nuou a empurrá-la devagarinho até atingir a terceira coluna da maloca, isto é, a do centro. Voltou a fustigar a *namili komulu* e cantou: "Titi titi, silá, silá". Já eram duas da madrugada. Continuou empurrando a mala da noite bem devagar até as proximidades da porta de saída da maloca, repetindo o açóite e o mesmo canto. Ai deixou a mala e, em seguida, voltou ao seu quarto. Quando Ngoamân e seus companheiros acordaram, Nami estava chegando ao quarto do pari. Estava amanhecendo. Ninguém, exceto o irmão caçula de Ngoamân, havia visto os ritos de Nami. Este, ao entrar no seu quarto, desvestiu seus adornos do sono, entregou a *namili komulu* a Ngoamân e lhe disse: "Tome, meu neto. Leve-a à sua maloca. Quando chegar ali, mande preparar um *pealu* (caixiri) como os dos dias de festa. Só então abra a mala da noite. Se abrir antes, pode acontecer alguma desgraça. Leve-a com todo o cuidado e siga as minhas ordens".

Ngoamân disse que assim faria. Depois de tomar o *ñumúku* (mingau de tapioca), saíram todos levando a grande mala da noite. Na metade do caminho começaram a reclamar. "Esta *namili komulu* está muito pesada. Vamos abri-la para ver o que tem dentro". Depois de muita discussão a-

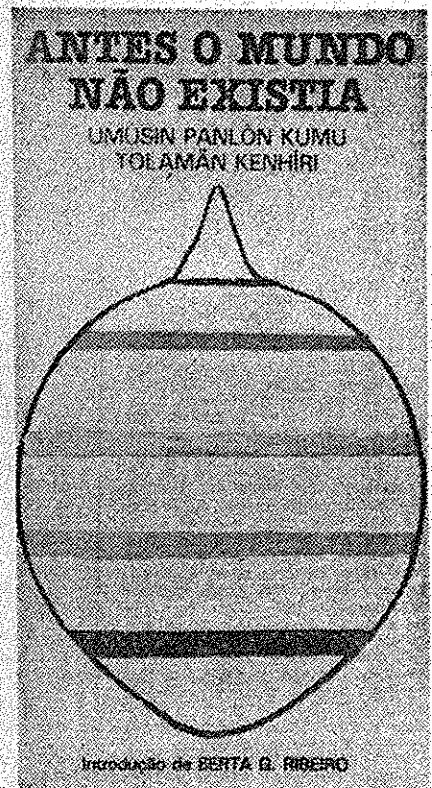
briram-na e logo fugiu o *namili umu* (noite, japu) que estava dentro. Em seguida, escaparam os *namili pinganlá* (noite, grilos), causando grande espanto. A *namili komulu* ficou vazia. Nesse preciso momento anoiteceu e caiu um enorme temporal. Os *êmêkho mahsá* sem tapiris molharam-se muito.

O japu (*namili umu*) voltou à casa de Nami. Logo ao entrar disse: "Os *êmêkho mahsá* estão passando um mau bocado porque abriram a *namili komulu*". Nami ficou muito triste com a notícia. Os *êmêkho mahsá* queriam fazer os ritos como Nami os havia feito, mas ninguém sabia por que tinham adormecido. Tentaram dizer palavras inventadas, mas a noite cobria o universo inteiro.

Ngoamân tirou então o *ipadu* que estava mascando e com ele untou uma árvore em dois lugares, em cima e embaixo. O *ipadu* transformou-se em *dîhti bêguê nê*, uma espécie de cogumelo que às vezes dá na árvore. O irmão mais novo de Ngoamân, vendo que ninguém havia aprendido os ritos executados por Nami na *namili wi* (noite, casa), disse-lhes, irritado, que estavam falando coisas sem sentido. A seguir, preparou um *wahsun bogá* (açóite) e começou a cantar com as palavras apropriadas. Os grilos da noite (*namili pinganlá*), responderam prontamente. Depois ele repetiu todos os ritos de Nami, até que amanheceu. Fez-se dia novamente.

Os *êmêkho mahsá* continuaram a viagem, sem levar a *namili komulu*. Mas a marca da mala da noite ficou gravada numa pedra no rio Uaupés,

num local que fica abaixo da povoação de Cunuri. Parece uma mala de pedra, aberta. E a separação entre dia e noite ficou para sempre.



Do livro, Antes o Mundo Não Existia, de Berta Ribeiro, publicado pela Livraria Cultura Editora.

Correio do Povo - P. Alegre RS 04.01.81

Dama